

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO

Raquel da Silva Souza da Silva

**O BRINCAR MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A
PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Santa Maria, RS

2021

Raquel da Silva Souza da Silva

**O BRINCAR MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito final para obtenção do grau de **Pedagoga**.

Orientadora: Prof^a Dr^a Kelly Werle

Santa Maria, RS.

2021

Raquel da Silva Souza da Silva

**O BRINCAR MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia da Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM-RS), como requisito final
para obtenção do grau de **Pedagoga**.

Aprovado em 9 de julho de 2021

Kelly Werle, Dr^a. UFSM

(Presidente Orientadora)

Taciana Camera Segat, Dr^a. (UFSM)

Santa Maria/ RS
2021

DEDICATÓRIA

Dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso a Deus, pois esteve ao meu lado em todos os momentos, ao meu esposo e, também, ao meu filho João Pedro!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pois nunca me desamparou e a Ele dedico minha vida e todo o meu louvor.

Agradeço ao meu esposo pelo incentivo de sempre e ao meu filho João Pedro por me ajudar, diariamente, a ser melhor como pessoa, mãe e futura professora.

À Universidade Federal de Santa Maria, pelo ensino público, gratuito e de qualidade. Minha gratidão as colegas e amigas que fiz durante a graduação, pelo apoio de sempre e também aos professores que, desde o início da graduação, auxiliaram-me de diversas formas para que eu fosse capaz de chegar até este momento e, principalmente, à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Kelly Werle, pela inspiração e por acreditar e me fazer acreditar na minha capacidade.

Por fim, mas não menos importante, agradeço também às crianças da escola pelos encantamentos e trocas diárias!

"[...] o barulhar é o atrito do corpo com o real que brota da criança que experimenta o mundo"

(LINO, 2010)

RESUMO

O BRINCAR MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

AUTORA: Raquel da Silva Souza da Silva

ORIENTADORA: Kelly Werle

Este trabalho de conclusão de curso aborda a Música no contexto da Educação Infantil. Como objetivo geral buscou-se compreender a importância da Música no desenvolvimento, dos bebês e das crianças na Educação Infantil e como objetivos específicos pesquisar as contribuições da Música nos campos de experiência na Educação Infantil; e refletir sobre as experiências vividas como oficina de música. A pesquisa apresenta abordagem qualitativa, sendo constituída a partir das experiências vividas pela pesquisadora em oficinas de música numa instituição de Educação Infantil em Santa Maria/RS. As oficinas de Música foram realizadas de forma que os campos de experiências fossem articulados com música e materiais não estruturados a fim de promover o protagonismo das crianças que são ativas, potentes e produtoras de cultura. Em diversos momentos foi possível reconhecer o quanto a Música, pode proporcionar um significativo desenvolvimento, contribuindo com as dimensões estéticas, sensíveis e afetivas, dentre outras tantas possibilidades.

Palavras-chave: Educação Infantil. Música. Campos de experiência.

SUMÁRIO

1. NOTAS INICIAIS	8
2. A MÚSICA E A EDUCAÇÃO INFANTIL	13
3. A MÚSICA DOS BEBÊS E DAS CRIANÇAS DO JARDIM	16
4. CONCLUSÕES FINAIS	24
5. REFERÊNCIAS	26

1. NOTAS INICIAIS

Nascida em Porto Alegre, RS, com 6 anos fui morar na cidade de Passo Fundo, nesse mesmo Estado, e com 14 anos nos mudamos para Santa Maria, RS. Lembro-me bem de ter brincado muito na infância. Brincar na rua, brincar de casinha, brincar de boneca, mas a preferida de todas era a de brincar de tocar instrumentos musicais, o jogo simbólico era algo muito presente.

Como meus pais não tinham condições de adquirir instrumentos convencionais, meus irmãos e eu, com muita imaginação, construíamos os nossos próprios. A tábua de madeira com o giz branco recebia linhas como se fossem as cordas de um violão e a porta do roupeiro ganhava suas teclas, tudo feito com muito cuidado para que depois esses materiais não estruturados voltassem à sua originalidade.

Desde muito pequena sempre fui envolvida na igreja e a música sempre foi algo que me interessou. Queria estudar instrumentos musicais e assim o fazia, sendo assim, alguns aprendi com ajuda de instrumentistas da própria igreja e outros sozinha mesmo. Desta forma, aprendi a tocar alguns instrumentos, não profissionalmente, mas suficiente para uma possível interação com as crianças sendo eles: violão, violino, teclado, escaleta, ukulele, flauta doce e ainda alguns de forma bem simples como os de percussão.

Na Igreja Cristã Maranata desde que nasci, comecei a partir dos meus 15 anos a promover momentos sobre a Bíblia e cantar louvores com crianças de 0 a 6 anos. Por não conseguir conciliar os estudos e o trabalho, acabei não concluindo o Ensino Médio.

O ano de 2005 foi o ano do meu casamento. E em 2008 após perceber a necessidade de mudar minha realidade resolvi voltar a estudar e incentivei meu esposo, assim juntos íamos para a escola no turno da noite. Terminamos o Ensino Médio na EJA na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irmão José Otão, no mesmo ano.

No ano de 2009 ocorreram algumas mudanças. Em razão de uma proposta de emprego para o meu esposo, fomos morar em Erechim, RS, cidade que nos acolheu muito bem e onde pude conhecer pessoas maravilhosas. Nesta cidade em 2010 tive a oportunidade de trabalhar como Oficineira de Música em um extinto projeto social o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) na Prefeitura Municipal da

cidade de Erechim, RS. Contudo, para isso precisaria estar cursando Pedagogia, então comecei a cursar na ULBRA. Esse projeto atendia crianças e famílias em vulnerabilidade social, elas eram atendidas no turno inverso ao da escola e lá faziam refeições, tinham atendimento pedagógico, psicológico e eram oferecidas algumas oficinas, dentre elas a de Música.

Durante três anos promovi as oficinas de Música e pude ouvir os relatos de diversas situações de abusos infantis. Compartilho essas experiências para que o leitor deste TCC possa compreender o contexto de que permeia a trajetória da pesquisadora. Esses abusos eram dos mais variados: sexuais, físicos, drogas e, principalmente, o trabalho infantil.

Através das oficinas de Música, eu podia presenciar o quanto as crianças pequenas se alegravam naqueles momentos, via em seus olhos o quanto a música, por algum tempo, os permitia esquecer tudo de ruim que elas passavam e isso era algo maravilhoso. Além disso, com a Música, desenvolveram-se nos aspectos cognitivo, social, emocional, ampliando o acesso à cultura, tendo em vista a situação de vulnerabilidade social em que se encontravam.

Em 2011 pedi transferência para a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e comecei, então, a trilhar o meu caminho na Universidade pública. Lá tive a oportunidade de conhecer um professor que me inspirou muito na Educação Infantil, o Prof. Dr. Rodrigo Saballa. Suas propostas de leitura e de práticas me enchiam de esperança sobre a Educação Infantil e me encantavam.

Em 2012 recebi de Deus o melhor presente da minha vida, meu filho João Pedro. Com ele pude colocar em prática alguns conhecimentos construídos nas disciplinas cursadas até aquele momento.

Em 2015 resolvemos retornar a Santa Maria e, com isso, ocorreu a transferência do Curso de Pedagogia para a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Já imersa na Pedagogia/UFSM, sempre tive interesse por pesquisar e me aprofundar no universo das infâncias e da relação das crianças com a Música. Enquanto futura professora compreendo a importância da formação inicial e continuada e acredito que participar de grupos de pesquisa e extensão contribuem de maneira ainda mais significativa nesse processo. Estar entre professores e estudantes que lutam por uma educação de qualidade em tempos de retrocessos como os que vivemos, é fundamental.

No ano de 2019, tive a oportunidade de participar do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Infâncias e Culturas (GEPLIC), coordenado pela Prof^a Dr^a Kelly Werle, a qual conheci em 2017 e, desde o começo, encantava-me com o seu comprometimento e as reflexões sobre a Educação Infantil. No grupo trabalhamos com os seguintes projetos de pesquisa e de extensão: “As múltiplas linguagens e a construção das culturas de pares: um estudo das interações multietárias na Educação Infantil” e “Ateliers Pedagógicos e as Múltiplas Linguagens”, respectivamente.

No projeto de extensão dos ateliês pedagógicos nós planejamos, desenvolvemos e refletimos sobre algumas possibilidades para estimular o brincar e a produção de culturas em uma escola de Educação Infantil. Como sempre tive um olhar mais voltado para a Música, as ideias que eu sugeria para o grupo contemplavam as experiências musicais. Diante disso podia perceber o quanto as crianças interessavam-se pelos materiais e espaços sonoros.

A partir de outubro de 2020, iniciei no Programa Residência Pedagógica. Esse Programa é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado nos cursos de Licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de Educação Básica

No semestre passado (2020), comecei a participar, também, do Grupo de Estudos Formação, Ação e Pesquisa em Educação Musical (FAPEM), coordenado pela Prof^a Dr^a Cláudia Bellochio. Nos encontros têm sido apresentados projetos de pesquisa de alguns integrantes do grupo, destacando-se temas como: “Quais são os repertórios musicais na pedagogia?” “Métodos para ensinar música para adultos?” entre outros.

Em maio de 2021 fui selecionada para participar do curso Educação Musical e Docência, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). O Curso tem como foco temáticas relativas à Educação Musical na escola e suas transversalidades, sendo destinado aos profissionais da educação e estudantes de cursos de Licenciatura que estejam atuando na Educação Básica. A carga horária do curso é de 60 horas, sendo distribuída em quatro módulos, incluindo diversas atividades como: palestras, planejamento e implementação de projetos pedagógicos, além de um seminário final. Por ocasião da participação no curso, fui convidada a integrar o grupo de pesquisa “Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços” (GRUPEM) da UERGS, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Cristina Rolim Wolffenbuttel.

Considero que a participação nos referidos grupos de estudos e no curso contribuem/contribuirão significativamente na construção da professora que eu almejo ser.

Desde o início da graduação também estive inserida profissionalmente, atuando em escolas, seja como Oficineira de Música ou como estagiária. Minhas propostas com a Música quase sempre despertavam o interesse, tanto das crianças, quanto das colegas professoras e geralmente, por este motivo, eu acabava assumindo duas funções: de estagiária (atuando com uma turma específica) e de professora de Música (assim era reconhecida na escola, embora não tenha ainda a formação específica), atuando com turmas de bebês até as crianças pequenas de cinco anos.

Na escola privada de Educação Infantil Jardim de Maria, onde estou atuando desde 2017, iniciei na função de Auxiliar de Desenvolvimento Infantil. Lembro-me de que na época da entrevista para a vaga a diretora, Ir. M. Cristiane, sinalizou que meu currículo chamou atenção por eu ter colocado nas habilidades que tocava violão.

No decorrer dos dias fui percebendo que as crianças tinham bastante interesse pela Música. Após conversas com a professora referência comecei a propor momentos musicais com a turma que auxiliava, propostas realizadas na pracinha e, logo em seguida, podia visualizar as crianças de outras turmas que iam se aproximando e participavam daquele momento musical.

Após um ano atuando na escola, alguns pais começaram a pedir oficinas particulares, no entanto, por trabalhar em período integral, isso se tornava inviável. Depois de refletir sobre o pedido dos pais, decidi fazer uma proposta à direção da escola, que para minha felicidade aceitou. Então, desde 2018 passei a promover oficinas de Música do berçário até a pré-escola e isso é algo que me encanta todos os dias e me sinto muito feliz por ter conquistado este espaço de reconhecimento através da Música. Os resultados desse trabalho foram tão significativos que no mês de março de 2021 fui convidada a participar de uma roda de conversa na escola para falar às demais colegas professoras e outras convidadas sobre a importância da Música na Educação Infantil.

Além da escola privada em que trabalho atualmente, desde 2019 iniciei um trabalho voluntário com Música em algumas escolas da rede pública de Santa Maria. A partir dessas ações busco promover oficinas musicais nas escolas de Educação Infantil e dos Anos Iniciais, para que as crianças possam ter momentos significativos

com a Música, já que essas escolas geralmente não têm professores especialistas na área. Sempre que possível oferecia para minhas colegas de faculdade que estivessem inseridas na rede pública a possibilidade de promover uma oficina de música nas turmas em que elas atuavam. Na maioria das vezes, essa ideia era aceita com entusiasmo, e após uma conversa com a direção da escola, logo conseguia realizar a oficina musical. Podia perceber o envolvimento das crianças nas propostas, das menores até as maiores e geralmente todas as crianças participavam daquela proposta musical. Mesmo que algumas no início parecessem desconfiadas, logo eram conquistadas pelos instrumentos e pela Música.

Certa vez, recebi o convite de uma amiga que fazia estágio em uma turma de 3º ano do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, nesta mesma cidade. Na ocasião, uma das crianças após apreciar uma música que toquei no violino, disse: “Achei que violino nem existisse, pois eu nunca tinha visto um” (BERNARDO, 9 anos). Naquele momento entendi que deveria continuar a proporcionar essas vivências musicais significativas para as crianças, porém, devido a pandemia, esse projeto pessoal não pôde ter continuidade. Espero poder retornar em breve!

Além de escolas, a convite de minha amiga Camila Predebon, que na época fazia um trabalho voluntário no Hospital Universitário de Santa Maria, no Centro de Tratamento de Crianças com Câncer, o CTCRIAC, fui até lá com meu violino e com minha irmã que também toca violão. Encontrei crianças nos mais diversos estágios da doença e dentre muitas histórias, uma das que mais chamou minha atenção foi a de uma menina de 9 anos e a quem vou chamar de Mariana. Ela havia sido abandonada pela mãe quando bebê e já não enxergava mais. Além disso, suas capacidades físicas e mentais já estavam bem comprometidas. Mesmo assim, ao ouvir a música ela demonstrava ficar muito feliz. Era possível perceber isso através de seus gestos corporais e ela, do seu jeito, pedia mais música. Mariana, ao ouvir o violino demonstrou interesse em tocá-lo. Pouco tempo depois Mariana veio a falecer.

Todas essas experiências marcaram meu desenvolvimento como pessoa e como futura profissional no âmbito da docência. O prazer pelo canto e pelos instrumentos musicais passaram a ser inspiração para uma proposta de trabalho nas escolas, e nos diferentes espaços, desde a infância, na minha trajetória de vida, acadêmica e profissional, assim, eis que surge o interesse por esta temática de pesquisa que busca compreender a importância da Música para as crianças.

A Música no processo de desenvolvimento infantil, as interações e as brincadeiras, desde a tenra idade, demonstram ser de suma importância na vida das crianças, despertando as mais diversas sensações, tornando-se uma das formas de linguagem, expressão, prazer, alegria, movimento, criatividade, desenvolvimento estético, entre outras tantas possibilidades.

Portanto, apresento como questão problematizadora a ser discutida neste TCC. **Qual a importância da Música para os bebês e as crianças na Educação Infantil?** Como objetivo geral buscou-se pesquisar a importância da Música no desenvolvimento integral dos bebês e das crianças na Educação Infantil. Especificamente: pesquisar as contribuições da Música nos campos de experiência na Educação Infantil; e refletir sobre as experiências vividas comoicineira de música.

A pesquisa apresentou uma abordagem bibliográfica qualitativa e também uma análise reflexiva de minha prática docente com Música nas turmas de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Demo (2011, p. 22) define que:

Primeiro, é preciso distinguir a pesquisa como princípio científico e a pesquisa como princípio educativo. Nós estamos trabalhando a pesquisa principalmente como pedagogia, como modo de educar, e não apenas como construção técnica do conhecimento. Bem, se nós aceitamos isso, então a pesquisa indica a necessidade da educação ser questionadora, do indivíduo saber pensar. É a noção do sujeito autônomo que se emancipa através de sua consciência crítica e da capacidade de fazer propostas próprias.

A pesquisa foi no âmbito da escola em que trabalho, considerando o tempo de atuação na instituição e o vínculo com os bebês e crianças.

2. A MÚSICA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo irá apresentar uma revisão de literatura envolvendo a música e a Educação Infantil, inicialmente trazendo algumas conquistas e marcos legais desta primeira etapa da Educação Básica e, posteriormente, alguns conceitos sobre a relação da criança com a música, importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Como primeiro marco legal destaca-se a Constituição Federal (1988), em que houve alguns avanços no âmbito educacional, como, por exemplo, no art. 6, o qual coloca a educação como o primeiro dos direitos sociais. No art. 205 estabelece a educação como dever do Estado e da família e no art. 206 inciso IV define a gratuidade do ensino público nos estabelecimentos oficiais. Há ainda outros Artigos incluindo a Educação Infantil no sistema de ensino, retirando-a assim da esfera da Assistência Social. Por fim, no artigo 227 declara a prioridade no atendimento da criança e do adolescente.

Como segundo marco legal, em 1996, a Educação Infantil passou a fazer parte da Educação Básica, compondo a primeira etapa, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, e garantindo assim o direito à Educação para os bebês e as crianças pequenas, visto que, até então, o atendimento das instituições era feito de forma compensatória e assistencialista.

Nesse processo de vincular o atendimento das crianças pequenas e dos bebês à educação torna-se imprescindível a indissociabilidade das funções de educar e cuidar. A partir disso, teve-se que investir na qualidade da educação para as crianças dessa faixa etária, garantido assim, todos os seus direitos conquistados, e também a formação adequada para os(as) professores(as), visto que, anteriormente, não era exigida uma formação mínima.

Com a LDB 9394/96, dentre muitos avanços, o ensino da Arte (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança), passa a ser componente curricular obrigatório na Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural das crianças. Então, a partir daí, a linguagem musical também passa a fazer parte da Educação Infantil de maneira oficial.

Para somar forças a tudo o que já se havia conquistado, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2010) trazem como eixos norteadores das práticas pedagógicas da Educação infantil, as interações e as brincadeiras as quais devem garantir experiências que “favoreçam a imersão das

crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (BRASIL, 2010, p.25), dentre outras experiências.

De forma mais recente, dentre as conquistas legais, tem-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2017) a qual apresenta cinco campos de experiências que envolvem as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, articulando-as aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. Após analisar os campos de experiência, foi possível perceber a presença da Música em dois deles: “Corpo, gestos e movimentos”, o qual afirma que por meio das diferentes linguagens, como a música, as crianças se comunicam e se expressam entre corpos, emoções e linguagens; e “Traços, sons, cores e formas”, em que as experiências com manifestações artísticas, culturais e científicas, devem fazer parte do cotidiano da escola.

Para compreender a dinâmica dos campos de experiência é preciso considerar a criança como sujeito ativo, participativo, protagonista e produtor de culturas. Esse conceito de criança já era definido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p.12).

Esse conceito é importante pois nos faz refletir que a criança não é e não deve ser tratada como uma mera receptora passiva de conhecimentos ou conteúdos, mas como um sujeito potente, ativo, que deve participar com seu protagonismo do processo educativo, inclusive com relação às experiências musicais.

Lino (2010) entende que a criança é um ser musical e afirma que “na infância as crianças são cativadas ininterruptamente a perceber, expressar e organizar as sonoridades do mundo, a partir de sua escuta sensível, afetiva e singularmente criativa que, brincando com sons, produz sentidos” (LINO, 2010, p. 82).

Existe uma infinidade de ritmos e sonoridades presentes em nosso dia a dia: no relógio, nos telefones, nos pingos de chuva, no abrir e fechar, no caminhar, no respirar, num motor, no piscar dos olhos, nas brincadeiras e em outros tantos momentos. Conforme Brito (2010, p.91),

O ensino de música, [...] é importante na educação porque a música é importante no viver, como uma das formas de relação que estabelecemos conosco, com o outro, com o ambiente. Somos seres musicais, dentre outras características que nos constituem, e o jogo expressivo que estabelecemos com sons e silêncios, no tempo/espaço, agência dimensões que por si só são muito significativas. Fazendo música trabalhamos nossa inteireza, o que é essencial.

O fazer musical é uma característica presente na sociedade desde os tempos remotos, de modo que, é transmitido e vivenciado pelas crianças desde muito pequenas. Na maioria das culturas, o ato de acalmar os bebês com cantos, acalantos e movimentos é muito comum e, antes mesmo de nascer, a criança já tem contato com um dos elementos essenciais da música que é o ritmo, através das pulsações do coração de sua mãe, como nos confirma Ilari (2002, p.84): “a aprendizagem musical pode iniciar ainda no útero, quando os bebês são expostos à música durante a gestação”.

Unindo-se às questões culturais relacionadas à aprendizagem musical, Gardner (1983) destaca que a inteligência musical pode ser considerada como uma das múltiplas inteligências. O autor enfatiza ainda que todos os seres humanos em condições normais possuem todos os tipos de inteligência e que todas estariam abertas ao desenvolvimento. A esta teoria também se associa geralmente um outro conceito que é chamado por neurobiólogos de “janela de oportunidades”, período em que as crianças teriam mais facilidade para o desenvolvimento de cada tipo de inteligência. A música, por sua vez, teria sua “janela” do período do nascimento até os 10 anos (ANTUNES, 2002, p. 22; apud ILARI, 2003, p.13).

Ilari (2003) aponta ainda que, diante dos avanços da ciência, deve-se levar em consideração que este período de abertura da janela não é algo fixo. No entanto, mesmo com essa flexibilidade é possível perceber o quanto a infância é um período propício para o desenvolvimento musical. E que esses estímulos, não sendo em demasia, podem ampliar o desenvolvimento do cérebro como um todo, como nos confirma Cardoso e Sabbatini (2000, s/p)

A educação de crianças em um ambiente sensorialmente enriquecedor desde a mais tenra idade pode ter um impacto sobre suas capacidades cognitivas e de memória futuras. A presença de cor, música, sensações (tais como a massagem do bebê), variedade de interação com colegas e parentes das mais variedades idades, exercícios corporais e mentais podem ser benéficos (desde que não sejam excessivos).

Neste sentido, para além da ideia de dom ou habilidade musical inata, evidencia-se a importância dos estímulos do ambiente e das oportunidades de aprendizagem. Werle (2011) corroborando os estudos de Figueiredo e Schmidt (2008) compreende que:

Somos seres musicais e temos a capacidade de responder sonoramente e musicalmente à cultura em que estamos inseridos. Algumas pessoas afirmam “não ter dom para música” sem ter a consciência, contudo, de que o fazer musical não é algo concedido naturalmente sem influência do meio ou esforço próprio. Fazer música exige estudo, esforço e dedicação como em qualquer outra área do conhecimento. Portanto, a música não é um dom concedido a uns e negado a outros, o que ocorre é que, no decorrer de nossas trajetórias de vida, possuímos maiores ou menores oportunidades de estarmos nos desenvolvendo musicalmente (WERLE, 2011, p. 86).

Para Figueiredo e Schmidt (2008, s/p) “todos os seres humanos estão aptos a se desenvolverem musicalmente”. Deste modo, a criança é um ser musical, Brito (2003, p.35) afirma que: “Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o universo sonoro que os envolve e logo com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras”.

Deste modo, a criança é compreendida como um ser que brinca, explora sonoridades e se expressa musicalmente, o que está em consonância com o conceito de culturas da infância que de acordo com Sarmiento (2003, p. 3) “por esse conceito entende-se a capacidade das crianças em construir de forma sintetizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação”.

No próximo capítulo será feita uma análise a partir de minhas vivências como oficina de Música, levando em consideração esse ser musical e potencialmente produtor de culturas.

3. A MÚSICA DOS BEBÊS E DAS CRIANÇAS DO JARDIM

Neste capítulo do trabalho apresentarei uma análise reflexiva sobre minhas vivências através da Música na Escola de Educação Infantil Jardim de Maria, instituição da rede privada, localizada na Rua: Padre José Kentenich n° 160, Santa Maria/RS. A escola conta ainda com uma extensão em Camobi, junto ao projeto Cefasol, o Jardim de Maria Camobi, com turmas de Pré-escola, ainda no processo de escolha dos nomes das turmas.

Na escola os níveis da Educação Infantil são nomeados por “canteiros”, os Berçários I e II são as Sementinhas e Sementes, respectivamente, Maternais I e II são Primaveras e, a partir da Pré-Escola, as turmas têm nomes de flores, conforme as características de cada turma. A escolha é feita com a participação da comunidade escolar, neste ano a escola tem as turmas: Margaridas, Jasmims, Lírios e Rosas.

Atualmente, a diretora da escola é a Irmã Maria Rosângela de Souza. Ainda em tempo, destaco que a diretora valoriza a Arte no currículo da escola o que se faz de suma importância para os bebês e crianças. E foi com o apoio dela que iniciei meu trabalho como Oficineira de Música na escola.

Quando iniciei em 2017 pensava apenas em levar a Música para as crianças, fazia rodinhas tocava, cantava e levava os instrumentos para que manipulassem, pois, até então, não compreendia a dimensão social da criança, como alguém que também cria a sua própria música, que é capaz de produzir e participar da cultura.

Após estudos em algumas disciplinas da Pedagogia e no grupo de pesquisa GEPLIC, comecei a ter maior clareza de que, na oficina de música, eu não poderia somente tocar e cantar para os bebês e para as crianças, pois elas são ativas, potentes e necessitam participar de forma protagonista.

O processo de mudança da minha prática não foi fácil, desconstruir algo que já vinha sendo feito há algum tempo teve seus percalços. Se a oficina não fosse na sala com a turma, por exemplo, será que seria considerada uma experiência musical pelas crianças e pelas professoras? Havia propostas que eu fazia no salão da escola como circuitos sonoros, teatros e apresentações musicais, promovendo assim momentos significativos de experiências musicais de forma articulada com outras linguagens. Nesses momentos era possível perceber um grande interesse por parte das crianças e das professoras

Como descrito anteriormente, desde que iniciei nessa escola pude perceber o interesse dos bebês pela Música. Ilari (2002, p. 88) entende o bebê “como um ouvinte sofisticado, capaz de discriminar entre propriedades isoladas contrastantes da música tais como altura, contorno melódico, timbre, ritmo e frases musicais”.



Fig.1 e fig. 2. Início das propostas com Música na Escola Jardim de Maria.



Fig. 3 Proposta com violino no jardim.

Fig. 4 Proposta de móbile com materiais sonoros.



Fig. 5 Proposta com violões.

Era possível perceber bebês alegres naqueles momentos musicais, através dos gestos, olhares e vocalizes. Ilari (2002, p.88) destaca: “sabe-se hoje que os bebês estão atentos à música que escutam bem mais do que todos nós julgávamos ser possível. Em outras palavras: os bebês também entendem de música”.

O repertório da turma na qual estava inserida envolvia desde músicas religiosas tradicionais da escola (Ex: “Eu sou uma florzinha”; “No meu coração”), até algumas infantis populares como, por exemplo, “Meu pintinho amarelinho”, “Dona aranha” e “Bom dia, o sol já nasceu lá na fazendinha”, dentre outras. Até hoje temos duas preferidas na escola: “Mãezinha do céu” e “A baleia”.

Em um dia numa das oficinas de Música na turma de maternal I, ocorreu um fato interessante: enquanto eu tocava violino, percebi lágrimas no rosto de uma menina com menos de 2 anos. Essas lágrimas não eram de tristeza, pois quando a música acabava, ela pedia mais e assim acontecia todas as vezes em que eu levava o violino para a oficina. Relembrei dessa situação durante uma aula do já referido curso de Educação Musical e Docência com a palestrante Prof^a Dr^a Betânia Parizzi Fonseca, na qual ela afirma que a música é capaz de evocar estados emocionais tais como: tristeza, alegria, estresse, etc.

Nas propostas das oficinas de Música sempre tive a preocupação de proporcionar momentos significativos para as crianças, como, por exemplo, “A casinha musical”, proposta de uma disciplina complementar de graduação “Educação e Música” na UFSM com a Prof^a. Dr^a. Luciane Garbosa, em que deveria construir um móbile e escolhi utilizar a casinha, inspirada em uma proposta do grupo de pesquisa (GEPLIC).



Fig.6 e 7 “Casinha Musical” na sala das Sementinhas e no corredor da escola.

A proposta era de que os bebês e as crianças experienciassem diferentes timbres musicais, tanto com instrumentos convencionais quanto com materiais sonoros não estruturados como: chaves, colheres, latas vazias de leite em pó, oferecendo, assim, diferentes possibilidades de estímulo para a exploração e produção de sonoridades.

Com essa proposta foi possível perceber bebês e crianças curiosos, brincantes, participativos e experimentadores, tanto no momento da oficina de Música, como quando encontravam a casinha no corredor durante o dia, ou ainda ao passar pelo corredor com seus pais, na hora de irem para casa. A maioria das crianças fazia questão de interagir com os objetos da casinha cada vez que passavam por ela, o que era possível perceber mesmo que eu não estivesse por perto, pelo efeito sonoro que produziam no corredor.

Após compreender que os campos de experiências não podem ser entendidos de forma fragmentada, mas sim que podem e devem se articular entre si, considero que minhas práticas com a Música passaram a ser mais significativas para os bebês e as crianças. Inspirada pelo grupo de pesquisa GEPLIC, em maio de 2019, elaborei um circuito sonoro na escola com diferentes materiais estruturados, não estruturados e elementos da natureza, para que as crianças pudessem ter diferentes possibilidades para brincar e interagir com materiais diversificados. As crianças exploravam, cada uma da sua maneira, os diferentes materiais.

Dentre os elementos disponibilizados, também organizei um espaço com garrafas contendo diferentes quantidades de água. Um dos meninos, ao visualizar uma baqueta, a usou para produzir sons e ao perceber que cada garrafa produzia um som diferente, tocava de um lado para outro.



Fig. 8 e 9 Circuito Musical.

Por várias vezes, pode-se contemplar as sonoridades de bebês ou crianças pequenas cantarolando nos corredores, pracinhas, jardins, salas, entre outros tantos espaços ocupados por eles na escola. Nas músicas das infâncias percebidas durante alguns momentos na escola, as crianças se expressam criando seus próprios sons e músicas, sejam elas do repertório conhecido ou de autoria própria, ou seja, o “barulhar” acontecendo que, segundo Lino (2010), é compreendido como:

Este ato de fazer barulho, de sonorizar sem prévia sistematicidade e determinação expressa toda uma sensibilidade que em sua dimensão primeira é a de um corpo em contato com o real. Corpo que estabelece uma relação de presença e doação ao se movimentar, se fazer ressoar num tempo e num espaço, emergindo o sensível como característica da infância. (LINO, 2010, p. 84)

Algumas professoras não entendiam como experiências musicais algo que não tivesse como organização a rodinha, tocando e cantando para as crianças. Elas mesmas me relatam que não compreendiam as minhas propostas, mas que hoje já conseguem ter um novo olhar e percebem o quanto é significativo poder visualizar

esse protagonismo das crianças ao explorar, criar e produzir sonoridades. Uma das professoras do berçário, frequentemente, aborda-me no corredor para conversar sobre as suas percepções a respeito da relação que as crianças têm com a Música e o quanto tem sido significativo para ela perceber isto. Várias vezes, recebo registros dela de situações que acontecem durante o dia com a sua turma.

Considero essa troca com a professora referência significativa, pois é uma importante parceira no desenvolvimento musical das crianças. Além disso, é possível perceber que as professoras que participam das oficinas musicais conjuntamente com as crianças, geralmente, incluem outras propostas musicais nos seus planejamentos.

Após as orientações e as leituras que realizei ao longo da produção deste trabalho, pude perceber uma mudança ainda mais significativa nas minhas propostas musicais com as crianças, pois busquei estimulá-las a se expressarem mais através das múltiplas linguagens, saindo do foco apenas da apreciação e da reprodução musical. Assim, procurei qualificar minhas práticas, observar, pesquisar e planejar propostas ricas de possibilidades e experiências musicais.

Hoje, ao andar pela escola, é inevitável não perceber o “Barulhar” (LINO, 2008) dos bebês e das crianças pequenas. Percebo, de forma mais atenta e sensível, o quanto as crianças fazem Música o tempo todo e o quão significativo é para elas quando um adulto demonstra interesse pelo que elas estão fazendo.

A proposta que vou descrever a seguir foi organizada para crianças de um a dois anos de idade, da turma Sementes A, consistia em um espaço com farinha de trigo, carvão, talheres, peneiras e potinhos. Com o auxílio das professoras foi cantada a história “O gato xadrez”, de Elvira Drummond. Posteriormente, foi colocada a gravação da música para que as crianças continuassem a apreciá-la enquanto brincavam.

A maioria das crianças escolheu a farinha para brincar, jogavam farinha uns nos outros e colocavam, delicadamente, nas mãos e nos braços da professora. Um dos meninos, ao perceber que ao girar o botão do “volume” do rádio aumentava e diminuía a intensidade da música, achava muita graça disso e por algum tempo ele ficou ali girando o botão de um lado para outro rindo muito.

Outras crianças preferiram brincar com os potinhos passeando pelo gramado. Uma das meninas escolheu pegar os gatinhos da história para passear enquanto cantarolava do seu jeitinho a música nova que havia escutado. Um menino da turma Primavera A chamou minha atenção, pois ao pegar duas peneiras que estavam

colocadas sobre o tecido fazia movimentos como se estivesse tocando uma bateria. Naquele momento, provavelmente, ele estava ressignificando algo que já havia visto, recriando seu cotidiano e agora, toda vez que vou até a sala para oficina de Música, ele corre pegar alguns objetos para usar como baquetas e bateria.



Fig. 10 Proposta da oficina de Música. Fig. 11 Proposta com farinha.

Essa proposta foi elaborada com a intenção de articular os campos de experiência proporcionando diferentes sons e sensações para que as crianças pudessem experienciar outras formas de linguagens. Isto por compreender a criança como um ser integral, sendo que as experiências que ela realiza passam pela sua corporeidade e pelas diferentes linguagens, não sendo possível separá-las, precisando, portanto, estimular todos os sentidos e trabalhar considerando a inteireza das crianças.

Por isso, penso na Música integrada com os demais campos de experiências da BNCC (BRASIL, 2010, p.38), que entende a criança “como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos, assimila valores, que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social”.

Uma outra experiência que quero relatar se refere a um dia em que estava observando umas das crianças de dois a três anos de idade, da turma Primavera D. Enquanto ela brincava, vi que observava sua sombra e ao abrir os braços dizia que era o “Batman”. A partir deste interesse lembrei de uma proposta que havia feito no

estágio da Educação Infantil com a música “Lá vem dona tartaruga”, do Grupo Curupaco.

Levei, então, a silhueta dos animais da música feitas com papelão e outros animais e objetos. Conversei com as crianças antes e avisei que precisaria desligar a luz para nossa proposta. Como todos concordaram, dei continuidade e enquanto cantava a música ia apresentando os animais.

A cada animal as crianças gritavam, demonstrando satisfação com o que estava acontecendo. Era perceptível que os gritos não eram de medo, mas sim de satisfação e alegria. No fim da música as crianças começaram a criar suas próprias sombras com seus corpos e, também, com outros objetos. Ainda hoje, quando preciso ir até a sala por algum motivo que não seja para oficina, algumas crianças vão até o interruptor querendo apagar a luz, indicando que a proposta foi significativa.



Fig. 12 e 13. Proposta com luz e sombras.

Durante o planejamento semanal, refletindo sobre como propor algo que fosse significativo com o tema “Festa Junina” para as crianças da turma Margaridas, de 5 anos, utilizando a música “Pula fogueira”, fiz a proposta de construirmos uma fogueira de verdade no pátio. Perguntei a eles o que precisamos para construir e, então, fomos até o pátio recolher os materiais enquanto ouvíamos a música.

Minha intenção inicial era somente construir a fogueira, sem acender e as crianças pularem. Mas, elas não pensaram o mesmo e após construirmos a fogueira, uma das meninas juntou dois galhos do chão e começou a esfregá-los dizendo que assim faria fogo. Vendo a situação, outro menino disse que precisavam de algo que fizesse fogo e ao questioná-lo de como conseguiríamos ele disse que iria até a direção buscar algo.

Após uma conversa sobre os cuidados com o fogo, a fogueira foi acesa. Elas pareciam não acreditar no que estava acontecendo e dançavam em torno da fogueira, até que outra menina sugeriu trazer marshmallows azuis e rosas. No fim precisamos encerrar a oficina com a promessa de que em um próximo momento comeríamos marshmallows. Todas as vezes que as crianças se depararam comigo pela escola fazem questão de lembrar da fogueira e dos marshmallows.

Como pode-se compreender nesta experiência descrita a fantasia e a realidade são inseparáveis para as crianças, como nos confirma Sarmiento (2003, p.13):

É um “mundo de faz de conta” em que o que é verdadeiro e o que é imaginário se confundem estrategicamente para que a brincadeira valha mesmo a pena. Aliás, “fazer de conta” é uma expressão que não capta completamente o modo como as crianças introjetam real nas suas brincadeiras, através da transposição de personagens ou situações.

Durante este capítulo busquei sistematizar algumas das experiências vivenciadas na instituição em que atuo de forma a promover um brincar musical, levando em consideração os campos de experiências, a escuta sensível, o "Barulhar" (LINO, 2008), o jogo simbólico, entre outras tantas possibilidades por entender a criança como um ser potente e ativo.

4. CONCLUSÕES FINAIS

Esse trabalho foi desenvolvido com a intenção de pesquisar a importância da Música no desenvolvimento integral dos bebês e das crianças na Educação Infantil, especificamente, as contribuições da Música nos campos de experiência na Educação Infantil. Tendo como ponto de partida para as reflexões as experiências vividas comoicineira de música na instituição em que atuo.

Através do caminho que percorri durante a construção deste trabalho, pude perceber que minhas próprias concepções foram sendo alteradas. Ao analisar as referências teóricas adotadas sobre a importância da Música para os bebês e as crianças pequenas, pôde-se reconhecer o quanto a Música pode proporcionar um desenvolvimento significativo, contribuindo com as dimensões estéticas, sensíveis e afetivas, dentre outras tantas possibilidades.

Sendo a Educação Infantil a primeira etapa da Educação Básica, tendo as interações e as brincadeiras como eixos estruturantes, faz-se importante potencializar a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação musical. Para promover, assim, o desenvolvimento da sensibilidade estética, da criatividade e da expressão pessoal, possibilitando que elas se apropriem e recriem a cultura, ampliando seus repertórios e interpretando suas experiências com a Música na Educação Infantil.

Após as leituras e a pesquisa realizada pude compreender com maior clareza as crianças e os bebês como sujeitos protagonistas do processo de aprendizagem musical e não apenas como espectadores, ampliando a ideia que tinha inicialmente de apenas levar a música para as crianças, percebendo, agora, a criança com capacidade de produzir suas músicas e explorar suas sonoridades.

Como protagonista no processo de aprendizagem, a criança é ativa, participativa e a Música uma linguagem que, embora apareça apenas em dois dos campos de experiências, deve permear os demais campos também, sendo importante que sejam trabalhados de forma articulada, favorecendo o desenvolvimento integral dos bebês e das crianças.

Encerro esse trabalho confiando e acreditando ainda mais na capacidade das crianças, encorajada a ressignificar, continuamente, meu próprio modo de ser e estar com elas, de pensar, propor, (des)construir e, assim, reinventar-me diariamente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRITO, T. A. de. **Ferramentas com brinquedos: a caixa da música**. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 89-93, set. 2010.

DEMO, P. **A imersão de estudantes em atividades investigativas**. Disponível em: <http://processoinvestigativo.blogspot.com.br/> Acesso em Julho de 2021.

BRITO, T. A. de. **Música na Educação Infantil: Propostas para a formação integral da criança**. 2 Ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.

FIGUEIREDO, S. L. F. de.; SCHMIDT, L. M. **Refletindo sobre o talento musical na perspectiva de sujeitos não-músicos**. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 4., São Paulo, 2008.

ILARI, Beatriz Senoi. **Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida**. Revista da ABEM. Porto Alegre, v. 7, 83-90, set. 2002.

ILARI, Beatriz. **A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 9, 7-16, set. 2003.

LINO, Dulcimarta Lemos. **Barulhar: a música das culturas infantis**. Revista da ABEM, Porto Alegre, set. 2010.

SARMENTO, M. J. **Imaginário e culturas da infância**. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho Portugal, 2003. Disponível em: <www.cedic.iec.uminho.pt>. Acesso em: julho 2021.

WERLE, Kelly. **Música na educação básica**. vol. 3, n. 3. Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2011.